

USO DE UNIDADE DE TRADUÇÃO NO PROCESSO DE TRANSPOSIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Helena Maria Ferreira

Professora do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Lavras, Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
helenaferreira@dch.ufla.br

Welbert Vinícius de Souza Sansão

Professor do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Lavras
welbert.sansao@gmail.com

RESUMO

A visão de tradução é tão complexa e fascinante que mereceu um desdobramento especial no campo dos Estudos da Tradução. Conhecer a história da Tradução, bem como a análise sistêmica nos mais diversos idiomas, viabiliza uma compreensão das bases epistemológicas e metodológicas e uma discussão axiológica acerca do processo tradutório. Nesse sentido, este artigo tem com o objetivo analisar o processo tradutório, utilizando como instrumento as Unidades de Tradução (UT) e a equiparidade do texto fonte, em Língua Portuguesa (LP), para o texto alvo, em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Como procedimentos metodológicos, realizamos testes com tradutores, partindo de um texto em comum, todavia com UT diferentes, estrutura em nível frasal ou textual. Por meio de um estudo comparativo, analisamos as estratégias de tradução utilizadas, tendo em comum o mesmo texto-base, todavia, com processos tradutórios diferentes, em dimensões frasal ou textual. Verificamos que houve adequações linguísticas no processo de transposição da LP para a Libras e que a qualidade tradutória, partindo da unidade de tradução em nível textual, é mais coesa e cultural, além disso, nota-se maior paridade com o texto fonte, apresentando maior fidelidade de ideias e conectividade no corpo do texto em Libras.

Palavras-chave: Unidade de Tradução; Libras; Transposição.

ABSTRACT

The idea of translation is so complex and fascinating that it has been granted a special development in the field of Translation Studies. Knowing the history of translation, as well as a systematic analysis in several languages, makes possible to understand the epistemological and methodological foundations, and an axiological discussion about the translational process, making use of Translation Units (TU) and the equability from the original text in Portuguese to the Brazilian Sign Language. As methodological procedures, it was carried out tests with translators that worked with the same text, however, using different TU, based on phrasal or textual levels. By means of a comparative study, we have analyzed the translation strategies used for the same original text, in which were used different translating processes, through phrasal or textual dimensions. It was verified that linguistic adequacies were made during

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

the process of transposing from Portuguese to the Brazilian Sign Language, and that the translation quality obtained through a translation unit in textual level is more cohesive and cultural. Besides, it is noticed a greater parity with the original text, proving itself to be more faithful to the ideas and more connected to the structure of the text in sign Language.

Keywords: Translation unit, Brazilian sign Language, transposition.

1 INTRODUÇÃO

A temática de tradução é tão complexa e fascinante que mereceu um desdobramento especial no campo dos Estudos da Tradução. O termo “traduzir” pode ser compreendido, a grosso modo, como conduzir um texto escrito numa língua para o domínio de outra diferente. Em latim, *traducere* é fazer passar de um ponto para outro, transferir, atravessar. Belizário (2010) atesta que as palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto. Seguindo uma variante ou outra, o processo tradutório está para além de palavras isoladas na busca equivalências numa língua fonte (LF) para língua alvo (LA), ou seja, uma palavra adquire significado a partir do contexto no qual ela está inserida. Nesse sentido, para que seja realizada a transposição de uma LF para a língua alvo (LA), é necessário ao tradutor inteirar-se do texto-fonte e relacioná-lo aos conhecimentos empíricos e, em decorrência, compreender o estatuto linguístico-discursivo do texto-alvo, orientando-se pelo público-alvo, assunto do texto, situação de interação, suporte textual, entre outros fatores.

Assim, faz-se imprescindível considerar os tipos de tradução a serem utilizadas no processo tradutório. O processo de transposição de Língua Portuguesa (LP) para Língua Brasileira de Sinais (Libras) trata-se de uma tradução interlingual, envolvendo duas línguas diferentes. Nesse contexto, percebemos que a língua de partida e a língua de chegada se constituem como/por modalidades de línguas diferentes, oral-auditiva e viso-espacial, respectivamente. De acordo com Alves (2000, p. 34), “a unidade de tradução é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor”. Assim, as Unidades de Traduções (UT) configuram-se como instrumento de fundamental importância no processo tradutório.

Newmark (1995) discorre sobre duas abordagens básicas de tradução. A primeira é a dimensão frasal, cuja tradução é realizada frase por frase para sentir o tom do texto. Depois de

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

lê-lo novamente e assegurar-se das deduções feitas a princípio, o tradutor prossegue a leitura. Na segunda abordagem, na dimensão textual, o tradutor lê todo o texto duas ou três vezes para perceber a intenção do autor, o tom da linguagem, para marcar as palavras ou termos difíceis e inicia a transposição após a visão geral do texto. Em seguida, o tradutor faz certas escolhas e transpõe a gramática de LF para os seus equivalentes “prontos” da LA e da mesma forma traduz as unidades lexicais para o sentido que lhe parece imediatamente apropriados ao contexto da frase.

Partindo desse pressuposto, este trabalho objetiva analisar o processo tradutório utilizando como instrumento as UT e a equiparidade do texto fonte, em LP, para o texto alvo, em Libras. A partir de um estudo comparativo, refletiremos sobre as estratégias de tradução utilizadas, tendo em comum o mesmo texto de partida, todavia, com processos tradutórios diferentes, em nível frasal ou em nível textual. A partir da análise empreendida, esperamos construir uma reflexão acerca de questões epistemológicas, metodológicas e axiológicas que compõem o estudo científico da Tradução, bem como para uma discussão acerca do estatuto do processo de aquisição de Libras, nos diferentes contextos sociais.

2 O PROCESSO DE TRADUÇÃO INTERLINGUAL

Para a compreensão do processo tradutório é relevante considerar a trajetória dos estudos especializados que constituem as bases epistemológicas e metodológicas desse campo do conhecimento. A instauração de um campo específico (Estudos da Tradução) evidencia as peculiaridades dessa prática e a consolidação de metodologias que representam avanços teóricos que permitem considerar o contexto cultural das línguas envolvidas e a relevância de um repertório linguístico para a transposição de uma língua para outra. Assim, conhecer a história da Tradução permite compreender que cada época é caracterizada por mudanças específicas que instauram processos de reflexão sobre os modos de fazer e de conceber os procedimentos de tradução e seus efeitos. Além disso, a busca de uma reconstituição da evolução da Tradução pode evidenciar que nos diferentes tempos e espaços o processo tradutório se efetivou de modo diferenciado. Por exemplo, os desenvolvimentos da Tradução no mundo ocidental não são os mesmos daqueles no mundo árabe, já que cada nação passou por episódios particulares que levaram à constituição de teorias particulares.

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

Considerando o contexto brasileiro, de acordo com Silva-Reis e Milton (2016), o percurso histórico da tradução no Brasil pode ser organizado em dois grandes momentos: história da tradução oral (ou interpretação) e história da tradução escrita. Essa história não apresenta uma cronologia linear, pois muitos dos acontecimentos e das características de uma época se repetiram em outra, bem como os diferentes prismas de visão foram reinventados a partir das épocas anteriores. Ainda segundo os autores, a prática de tradução teve suas bases assentadas na transposição de textos religiosos e textos literários para outras línguas, o que desencadeou não somente o aperfeiçoamento de concepções e metodologias, quanto o aumento da profissionalização, culminando em novos modos axiológicos de ver e de fazer a Tradução. Além disso, merecem destaque as demandas industriais e agrícolas relacionadas aos processos de importação e de exportação. Somam-se a isso as questões políticas (golpe militar de 1964, guerras mundiais etc), que desempenharam importante papel no tom e no teor das traduções. Por fim, a constituição da Tradução também é influenciada pela existência de colônias de imigrantes, que, de certo modo, favoreceu o contato e a reflexão sobre outros idiomas.

Avançando na história, os Estudos sobre a Tradução se configuram também como um curso importante no ensino e aprendizagem de línguas nas escolas. No entanto, o que lhe adiciona valor é a criação de uma variedade de métodos e modelos de tradução, que mesmo estando sujeitos às críticas, puderam contribuir para o avanço dos estudos e para a qualificação dos processos tradutórios.

Assim, desde o seu nascimento, a tradução esteve sujeita a uma variedade de pesquisa e conflitos entre teóricos. Cada teórico a aborda de acordo com o seu ponto de vista e campo de pesquisa, fato que dá à sua história uma mudança de qualidade. Nesses estudos, uma questão que nos parece relevante é a distinção entre os termos tradução e interpretação. Diante desse pressuposto, focaremos na definição de Frishberg (1990), que apresenta duas distinções básicas para a compreensão desses termos. Segundo ela, o termo tradução pode ser usado em sentido amplo para referir-se à troca de mensagens de uma língua para a outra, sendo que a forma dessa língua pode ser escrita, oral ou sinalizada. Em um sentido restrito, técnico, “o termo tradução refere-se ao processo de troca da mensagem escrita de uma língua para outra, enquanto que a interpretação refere-se a um processo de troca imediata de mensagens produzidas de uma língua para a outra” (FRISHBERG, 1990, p. 35). Para tanto, focaremos no estudo do processo tradutório.

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

Não se pode negar que todo e qualquer ser humano vivencie a tradução, seja ela técnica ou não. O simples fato de ao dirigirmos e depararmos com uma sinalização, inicia-se um dos estágios de tradução, em que inferimos e aferimos, a partir de um signo visual, denominado de tradução intersemiótica. Gile (1995) explica tais diferenças em termos de ganhos e perdas de informação. Para ele, ganhos ocorrem quando as verbalizações apresentam informações que não estavam presentes no texto de partida – no caso da tradução intersemiótica - o texto de partida é a figura. Em contrapartida, a tradução intralingual (quando há a reformulação entre signos verbais dentro de uma mesma língua) e interlingual (tradução que envolve duas línguas), são tipologias mais técnicas. Portanto, essa capacidade de tradução é inerente aos seres humanos.

Teóricos pesquisadores discutem que a perspectiva tradicional de tradução baseia-se na possibilidade de recuperação de um sentido, uma mensagem, um conteúdo que, supostamente, estariam guardados no texto de partida. Esse sentido, a mensagem ou conteúdo estariam prontos no texto, nas palavras que deixariam explícitos o pensamento e a intenção do autor. A tarefa do tradutor seria, simplesmente, encontrar e decodificar esse sentido, mensagem ou conteúdo de maneira correta e realizar um trabalho de transferência, transposição ou reformulação em outra língua. Nida (1964, p. 146) assinala que “a tradução é um mecanismo de transferência capaz de transportar sentidos e mensagens de uma língua para outra”. O ato de traduzir vai além de encontrar nas palavras (línguas orais) ou sinais (línguas de sinais) correspondentes de uma língua para outra. Além de achar termos equivalentes, é necessário, na maioria das vezes, fazer uma tradução cultural, levando em conta o público alvo em questão, mantendo, acima de tudo, a harmonia textual, a ideia central, entre outras características do texto fonte.

Newmark (1988), em sua descrição operacional do processo tradutório, sugere como primeiro passo a escolha de uma abordagem de tradução. O autor defende a ideia de que a teoria deve estar à disposição do tradutor e que esta deve ser a ponte de ligação entre a teoria e a prática de tradução. Nesse contexto, o autor afirma também que a prática de traduzir é embasada, por meio da naturalidade, em uma teoria de tradução. Ele destaca duas abordagens básicas de tradução. A primeira é a tradução frase por frase para sentir o tom do texto, depois de lê-lo novamente e assegurar-se das deduções feitas a princípio, o tradutor prossegue a leitura. Na segunda abordagem, o tradutor lê todo o texto duas ou três vezes para perceber o projeto de dizer do autor, o tom da linguagem, para marcar as palavras ou passagens difíceis e inicia a

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

transposição somente quando já tomou as decisões importantes quanto à forma de reescritura. A primeira abordagem seria mais adequada ao tradutor que confia em sua intuição e a segunda para o tradutor que confia em seu poder de análise.

Ainda caracterizando o processo tradutório, Newmark (1988) destaca que esse processo pode ser caracterizado por quatro dimensões: textual, referencial, coesiva e de naturalidade. Na dimensão textual, o tradutor faz certas escolhas e transpõe a gramática de LF para os seus equivalentes “prontos” da LA e da mesma forma traduz as unidades lexicais para o sentido que lhe parece imediatamente apropriados no contexto da frase. Seja qual for a tipologia textual a ser traduzida, o tradutor deveria ter a cautela de não ler uma frase sequer sem ter em mente o contexto do texto-alvo, que seria definido por meio do levantamento de elementos tais como, assunto do texto, o leitor-alvo, e a intenção do autor. A segunda dimensão, a referencial, leva em conta os fatos. A realidade na língua da tradução, seja ela real ou imaginária, deve às vezes ser explicitada para que fique tão clara como a presente no texto original. É uma adequação necessária à fidelidade dos dois textos – original e traduzido - em relação à percepção do conteúdo. Para o autor, as dimensões referencial e textual são articuladas, todas as línguas têm palavras e estruturas polissêmicas, as quais muitas vezes serão resolvidas somente se conduzidas ao nível referencial. A dimensão coesiva relaciona-se operações mentais que o texto suscita (associações, pressuposições, avaliação do tom do texto de origem etc). Newmark divide o nível coesivo em estrutural (organização linguística e textual) e emocional (valor dialético, relação subjetiva com o texto). Por fim, a dimensão da naturalidade, que, segundo o autor, garante a inteligibilidade do texto (como o respeito à norma ou o desvio da norma, construções metafóricas etc., a depender do texto).

Para além do exposto, Newmark apresenta uma gradação nos métodos de tradução, que podem se aproximar em maior ou menor proporção ao texto-base. O autor destaca como métodos aqueles que se aproximam da língua fonte: tradução palavra-por-palavra, tradução literal, tradução fiel e tradução semântica. Para os casos de maior aproximação da língua-alvo, o autor elenca: adaptação, tradução livre, tradução idiomática e tradução comunicativa. Para o autor, apenas dois métodos se configuram como propulsores dos principais objetivos da tradução, quais sejam precisão e economia: a tradução semântica (nível linguístico do autor) e a comunicativa (nível linguístico do leitorado).

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

Complementando a questão, surge outra tendência (mais voltada para a tradução de textos literários e do cotidiano social), que é a de considerar a tradução como um processo de reescrita, que se refere ao resultado de uma complexa articulação do sistema literário/das práticas cotidianas com outras práticas institucionalizadas e outras formações discursivas (religiosas, étnicas, científicas) (LEFEVERE; BASSNETT, 1990). Nesse contexto, a tradução assume uma conotação ideológica, uma vez que não simplesmente dará acesso do público ao texto, mas poderá exercer um importante papel translinguístico e transcultural, em função das escolhas linguísticas e discursivas e dos direcionamentos interpretativos.

Nesse contexto, advém a necessidade de um deslocamento dos métodos de tradução para uma discussão acerca das competências do tradutor. Rodrigues (2018), apoiando-se nos estudos realizados por Gonçalves (2005), reitera que os diferentes tipos de competências destacados pelas pesquisas sobre a temática caracterizam um tipo de expertise, composto por diferentes elementos, os quais de maneira integrada e indissociável, podem qualificar, distinguir e singularizar o(s) indivíduo(s) tradutor(es)/intérprete(s) em relação aos demais.

Assim, Rodrigues (2018, p. 292) pontua que

a competência tradutória é um saber-agir especializado e complexo que integra de forma efetiva conhecimentos, capacidades, habilidades, atitudes e valores. E, por sua vez, compreende a mobilização e aplicação adequada, por parte do tradutor/intérprete, de recursos internos (cognitivos, afetivos, sociais, motores) e externos (físicos, tecnológicos, humanos, temporais) às tarefas específicas de tradução que demandam solução de problemas e tomadas de decisão por meio de um desempenho profissional contextualizado, intencional, situado e satisfatório.

Desse modo, em função das especificidades dos processos tradutórios da língua portuguesa (LP) para Libras, a estratégia de unidades de tradução se configura como uma alternativa que pode contemplar a complexidade da tradução, conforme pontuada por Rodrigues (2018), no excerto supracitado.

Nesse sentido, Alves, Magalhães e Pagano (2000) destacam que durante o processo tradutório, é possível segmentar os textos – fonte e alvo – em unidades de tradução, como uma estratégia de tradução. Embora haja divergências em relação ao conceito de unidade de tradução, que não se inscrevem nos objetivos deste artigo, apresentamos um conceito, que no nosso entendimento, caracteriza o processo. Uma unidade de tradução pode ser concebida como “...é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos, para o

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor.” (ALVES; MAGALHÃES; e PAGANO 2000, p. 38). A seguir, serão discutidos os usos de unidades de tradução no processo de transposição da língua portuguesa para Libras.

3 USO DE UNIDADE DE TRADUÇÃO NO PROCESSO DE TRANSPOSIÇÃO DA LP PARA LIBRAS

As UT, em suas especificidades teóricas e práticas, são importantes no processo de tradução. Para que seja realizada a transposição de uma LF para a LA, é necessário o tradutor inteirar-se do texto-fonte e o relacionar aos conhecimentos empíricos. Além disso, são implicados também a função de comunicação do texto-alvo, o público alvo, o assunto do texto, entre outros fatores, tais como suporte, contexto de produção e de recepção dos textos. Alves (2003) propõe o uso de Unidade de Tradução (UT) como mecanismo de tradução. Apoiando das teorias de Newmark (1988), ele advoga que quanto mais livre a tradução, maior será a UT e que quanto mais fiel a tradução menor será a UT.

Complementando o exposto, Alves, Magalhães e Pagano (2000, p. 31) asseguram que

Definir ou delimitar o que é unidade de tradução (UT) é uma questão que tem sido bastante discutida e sobre a qual não se chegou a um acordo. Alves lembra a posição de Newmark a respeito de unidade de tradução que a delimita ao nível da palavra, e, depois, das expressões idiomáticas, frases, orações e períodos (ALVES, MAGALHÃES, PAGANO, 2000, p. 31)

A conceituação de unidade de tradução é um problema que tem preocupado os pesquisadores, desde que Vinay e Darbelnet (1977, p. 21) emitiram o conceito. Os autores definiram UT como “o menor segmento do enunciado cujos signos têm uma coesão tal que não devam ser traduzidos separadamente”. Vários autores entendem que a UT depende do conhecimento do tradutor e será tão menor (palavra, expressão) quanto menor o conhecimento dele e tão maior (sentença, frase) quanto maior esse conhecimento. Há ainda que se considerar que a maior distância estrutural entre as línguas levará a uma UT maior, uma vez que neste caso se busca traduzir mais o sentido do que a palavra.

De acordo com Alves, Magalhães e Pagano (2000), uma unidade de tradução é um segmento do texto de partida, sem tamanho e forma específicos, que é selecionada pelo tradutor para o processo de tradução. Assim, essa unidade seria um excerto, um fragmento, que demanda uma

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

atenção para que a tradução preserve a fidelidade do texto-base, mas que seja devidamente compreendido no contexto cultural em que será veiculado. Assim, a unidade de tradução varia de acordo com o problema encontrado pelo tradutor ao longo de sua tarefa. Será a oração ou a frase quando o tradutor, no seu processo de trabalho passar de um trecho solucionado para um novo trecho a ser traduzido. Poderá ser também um trecho da frase composto por substantivo + verbo, substantivo + preposição + complemento, verbo + preposição + complemento ou qualquer outra estrutura sintática seja ela extensa ou curta. O recorte de extensão ou a natureza das ocorrências dependerão da dúvida ou problema sobre o qual o tradutor se debruça antes de prosseguir na tradução.

A UT depende do estado cognitivo do tradutor que possibilite a ele lembrar-se de alguma construção que utilizou em situação similar, verificar a terminologia, considerar a fraseologia utilizada em determinada área de conhecimento, consultar suas fontes de pesquisa, verificar as concordâncias verbal ou nominal usadas em determinada língua, entre outras possibilidades. Baseando nessa teoria, esta pesquisa pretende analisar as estratégias realizadas pelos tradutores, utilizando das UT como recurso tradutório. Além disso, almejamos verificar as variações de tradução uma vez que possuem níveis diferentes, frasal ou textual, bem como o estudo da paridade do texto alvo com o texto fonte.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada e desenvolvida na Universidade Federal de Lavras, submetidos à análise de seis tradutores de Libras com experiência na área, além da presença de três revisores Surdos com fins de verificação do texto alvo. Todos os participantes deste estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando o uso integral ou parcial das produções.

Os tradutores e os revisores serão mencionados, respectivamente, pelas seguintes nomenclaturas T1, T2, T3, T4, T5 e T6 e R1, R2 e R3. Para a realização dos testes, os tradutores foram divididos em dois grupos (A e B), com perspectivas diferentes do processo de transposição, o A ao nível frasal e o B ao nível textual. Em seguida, foi disponibilizado aos mesmos, um texto motivador apresentado no Quadro 01 abaixo.

Quadro 01- Texto motivador para a tradução em LIBRAS

Nem te conto!

Tenho que contar isso urgente!

Essa foi a primeira coisa que disse a mim mesma logo que cheguei ao trabalho. Quando vi as planilhas cheias de números por causa do fechamento da folha salarial, as pilhas de pastas que havia em cima da mesa e as contas que eu tinha que realizar durante o dia, já me deixava exausta. Já havia feito tanta coisa no meu dia, arrumado as prateleiras e as pastas, enviado as correspondências, atendido a telefonemas, fiz tanta coisa que quase nem tive tempo de almoçar. De repente me deu um clique! Sabia que tinha esquecido algo. Procurei em todos os cantos aquela maldita pasta! Procurei nas prateleiras, gavetas, na minha bolsa... E lá estava ela, mas me dei conta que havia esquecido a escova de dente em casa, o que adiantaria a pasta sem a escova?

O jeito é me contentar e voltar a trabalhar...

Para o início do processo de tradução foram disponibilizados dicionários de LIBRAS e língua portuguesa, tradutor de apoio¹⁰ para auxílio técnico e gramatical, tempo livre e recursos tecnológicos para pesquisa de termos e demais elementos que o tradutor julgue necessário. O grupo A obteve acesso ao texto completo, podendo ser realizadas reconstruções de períodos, a fim de propiciar uma melhoria de compreensão do texto de chegada. Newmark (1988) explicita que este procedimento consiste na redivisão ou reagrupamento das orações e períodos do original na tradução. O grupo B, diferentemente do grupo A, não teve acesso ao texto completo, apenas a uma oração por vez, com o objetivo de utilizarem, involuntariamente, uma estratégia de unidade de tradução em nível frasal. As equipes puderam gravar um esboço das suas traduções à medida que tinham ideias, deixando arquivadas nas apontadoras¹¹ sua escolha de tradução. Após a checagem das traduções realizadas, as equipes gravaram a tradução final do texto motivador.

Posteriormente, foi realizada uma análise sistemática por três Surdos revisores, analisando a sua compreensão textual, primeiramente da unidade de tradução frasal e, em seguida, em nível textual. Para efeito de análise de dados solicitou-se aos tradutores um relato de experiência apontando os pontos positivos e negativos no processo de transposição. Além

¹⁰ O tradutor de apoio serve como um ajudador para o tradutor sinalizador, ele auxilia com auxílio técnico textual, apoiando com a memorização e com o léxico da língua de sinais, quando necessário.

¹¹ Tradução provisória ou texto rascunho realizado em vídeo.

disso, os Surdos realizaram um relatório comparativo das UT utilizadas, apresentando um parecer técnico com aspectos inerentes à prática de tradução como a compreensão do texto, as escolhas lexicais, a coesão e a coerência, a clareza, a prosódia em Libras, etc.

5 RESULTADOS

Primeiramente, observa-se uma diferença significativa entre o produto da tarefa de tradução ao nível frasal e o produto da tarefa de tradução ao nível textual, em termos de taxa de produção e qualidade tradutória. O Quadro 2, a seguir, apresenta o relato de tradutores apresentando sua visão e atuação no processo de transposição estudado.

Quadro 02- Relato de experiência dos tradutores

“Até o momento não vejo pontos negativos em relação à tradução LP/Libras com acesso ao texto integral, muito pelo contrário devido à estrutura gramatical diferente entre a LP e Libras, o acesso ao texto completo é essencial... É possível organizar o texto de forma que fique coerente com o contexto em LS...” – Tradutor A (Nível textual)

“Em uma tradução focar em traduzir apenas a unidade frasal dificulta o processo de tradução, pois é necessário entender o contexto pra se escolher a melhor tradução correspondente...” – Tradutor D (Nível frasal).

Verificamos que o uso de UT em nível textual, conforme atestam Vinay e Darbelnet (1995), foca, principalmente, na função do texto, abandonando a literalidade em favor de uma contextualização da tradução em uma língua de chegada. Adicionalmente, podemos considerar que o fato da Libras ser uma língua na modalidade viso-espacial, faz que com seja imprescindível levar em conta as pistas contextuais presentes no texto de partida, propiciando uma melhor organização de ideias, estruturas lógicas e um menor risco de falhas e omissões no processo tradutório, principalmente quando o texto possui traços polissêmicos e ambíguos.

Além disso, o texto escolhido havia muitos traços ambíguos o que, por sua vez, gerou equívocos de tradução em nível frasal. Por exemplo, quando o tradutor deparou com a frase “Tenho que contar isso urgente!”, os tradutores A, B e C, traduziram a palavra “contar” fazendo referência a “relato de algo”, entretanto após traduzirem a próxima oração perceberam o equívoco de tradução, pois se referia a “calcular, enumerar”.

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

De acordo com a análise dos Surdos, verificou-se o uso de UT em nível frasal é uma boa escolha. Porém, ao considerar esta frase no corpo do texto, constatou-se perda de sentido semântico, prosódia, conectividade e, em alguns casos, equívocos de tradução. Na unidade de tradução em nível textual, nota-se que as construções espaciais são mais eficazes, dando mais conectividade, coerência, coesão, clareza e, proporcionando, um traço prosódico ao discurso. Verificou-se que os tradutores D, E e F fizeram boas a escolhas lexicais, propiciando uma melhor compreensão do texto.

Ao analisar o entendimento textual dos Surdos no que se diz respeito a cada tradução realizada foi possível depreender questões relevantes para a construção do processo de tradução. Nas traduções A, B e C, cujo nível da unidade de tradução era frasal, constatou-se que os Surdos tiveram compressões errôneas a respeito do texto, devido à sinalização utilizada neste contexto. Ao analisar o texto em LP e Libras, verificamos realmente falhas no processo tradutório, como dubiedade de informação, erros de localização, repetições desnecessárias e emprego de léxicos equivocados, acarretando uma discrepância do texto de partida. Quanto às traduções D, E e F, cujo nível de unidade de tradução era textual, observou-se que os Surdos decodificaram a mensagem do texto, apresentando uma compreensão clara da tradução realizada, sem questionamentos quanto a semântica textual. O estudo do texto em LP e Libras detectou que foram realizadas escolhas linguísticas adequadas no processo tradutório, assim como uma equivalência textual em relação ao de partida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou discutir o processo de transposição de Língua Portuguesa para Libras, a partir de uma análise da estratégia metodológica de unidade de tradução. Refletir sobre o processo de tradução possibilita a construção de uma compreensão das bases epistemológicas que integram o corpo teórico das discussões sobre as concepções de tradução, suas características e seus contextos de produção, circulação e de recepção. Da mesma forma, pensar sobre os procedimentos de tradução permite um entendimento dos pressupostos metodológicos que constituem a atividade de traduzir. Essas questões articuladas vislumbram ainda possibilidades para a construção de referências axiológicas sobre a tradução, constituindo valores, crenças e posicionamentos, favorecendo deslocamentos e redimensionando modos de conceber e de realizar os processos tradutórios.

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

No que tange às unidades de tradução, recorte feito para o proposta analítica realizada neste trabalho, podemos considerar que essa estratégia se configura como um procedimento que congrega dimensões lexicais, sintáticas, semânticas, textuais, discursivas e semióticas dos usos da linguagem, uma vez que o foco da atenção do tradutor será a unidade que apresenta dificuldades. Por vezes, as UT podem ser reconhecidas pelas pausas feitas durante o trabalho para encontrar soluções. As dúvidas dependem das características do tradutor, do conteúdo do texto trabalhado, dos problemas que as línguas envolvidas apresentam, das dificuldades pessoais do tradutor e da sua experiência de vida. Pelas diferenças em todas essas considerações, é que se sabe ser muito improvável um mesmo texto traduzido por duas pessoas diferentes ter resultado idêntico. A UT também se transforma de acordo com a fase do processo tradutório, seja ela de leitura, de compreensão, de tradução propriamente dita, de revisão da tradução ou de releitura do texto a ser finalizado. Há ainda que se considerar que a maior distância estrutural entre as línguas levará a uma UT maior, uma vez que neste caso se busca traduzir mais o sentido do que a palavra.

O principal objetivo deste artigo foi analisar o processo tradutório, utilizando como instrumento as UT e a adequação do texto fonte, em LP, ao texto alvo, em Libras. A partir disso, verificar as diferenças existentes entre a tradução em nível frasal e em nível textual, no que diz respeito ao processo de transposição da LP para a Libras, a partir de um texto motivador escrito. A partir da comparação das produções, podemos responder a pergunta de pesquisa: Por que o processo de tradução em nível textual obteve maior qualidade tradutória durante a produção?

Primeiro, porque os tradutores D, E e F tiveram acesso prévio ao texto completo e segundo porque a modalidade de língua viso-espacial da Libras, faz com que seja imprescindível levar em conta as pistas contextuais presentes no texto de partida, propiciando uma melhor organização de ideias, estruturas lógicas e um menor risco de falhas e omissões no processo tradutório, uma vez que o texto está escrito numa língua oral-auditiva. Partindo dessa premissa, as UT configuram-se como instrumentos tradutórios que auxiliam na coesão e coerência, na paridade com o texto fonte; na conectividade no corpo do texto em Libras e compreensão do texto de chegada pelos receptores nativos do idioma.

Os resultados obtidos por meio deste trabalho não devem servir como uma generalização das práticas de tradução da língua de sinais, já que é necessário levar em consideração o contexto

Helena Maria Ferreira | Welbert Vinícius de Souza Sansão

e as condições nos quais os tradutores estão inseridos e os textos de partida. Além disso, por se tratar de um artigo, não foi possível abarcar todos os aspectos inerentes à prática de tradução, tais como as escolhas lexicais, a relevância, etc. Esses aspectos podem ser analisados em futuras pesquisas na área.

Esperamos que, a partir das discussões empreendidas neste trabalho, possam ampliar a visão dos Estudos de Tradução nas Línguas de Sinais em relação à atividade profissional no processo de transposição de duas modalidades de línguas diferentes, e proporcionar um direcionamento para a formação de Tradutores de Libras.

REFERÊNCIAS

ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. **Traduzir com autonomia**. Estratégias para o tradutor em formação. Rio de Janeiro: Editora contexto, 2000.

BASSNETT-McGUIRE, S. **Translation Studies**. London, Methuen, 1980.

BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. (Orgs.). **Translation: History and Culture**. London: Pinter, 1990.

BELIZARIO, E. **Teoria da tradução na prática as armadilhas da tradução**. Rio de Janeiro. Revista Italiano UERJ, 2010.

FRISHBERG, N. **Interpreting: An introduction** (Rev. ed.). Silver Spring, MD: Registry of Interpreters for the Deaf, 1990.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. London: Prentice Hall, 1988.

NIDA, E. A. **The role of the translator**. Em E. A. Nida, Toward a science of translating. Leiden, Holand: Brill, 1964.

RODRIGUES, C. H. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos Em Linguística Aplicada**, v. 1, n. 57, p. 287-318, 2018. Acesso em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8651578>. Acesso em: 20 de ago. 2019.

VINAY, J. P. & Darbelnet, J. **Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction**. Paris: Didier, 1977.